



Relato de Experiência com o repórter fotográfico Aldair Dantas no Jornal Tribuna do Norte

Gunther Fernandes GUEDES¹
Itamar de Moraes NOBRE²

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN

Resumo

Analisa-se o cotidiano de um repórter fotográfico no estado do Rio Grande do Norte – em especial o repórter fotográfico Aldair Dantas do jornal Tribuna do Norte, o jornal com a maior circulação do estado do RN. Para tanto, lançou-se mão de um estudo de caso, com visita in loco e análise documental da profissão. Observa-se que o repórter fotográfico estudado é recente na profissão e tem uma maior disponibilidade de acompanhamento que os demais. Conclui-se que após a análise que a maior parte dos repórteres fotográficos do estado não são graduados em comunicação social, possuindo apenas conhecimento prático na área. Nota-se ainda que a profissão ainda recebe pouco valor agregado mediante análise da disposição de espaço, material, recursos, contratações e contatos com os profissionais.

Palavras-chave: Rio Grande do Norte; Repórter Fotográfico; Aldair Dantas; Tribuna do Norte; estudo de caso.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho resulta de um relato de experiência profissional no jornal Tribuna do Norte, localizado no bairro Ribeira em Natal/RN, no qual analisa-se o cotidiano de um repórter fotográfico do jornal Tribuna do Norte. Essa análise será crucial para a compreensão do cenário atual do fotojornalístico potiguar.

Neste trabalho, propomo-nos encarar e analisar a rotina do repórter Aldair Dantas, em sua gênese pessoal e profissional a fim de descobrir fatos que influenciam a sua profissão. Será examinado também o espaço físico do jornal, a quantidade de

¹ Estudante de Graduação do 7º semestre do Curso de Comunicação Social - Jornalismo da UFRN. E-mail: guedes_gunther@hotmail.com

² Professor Doutor do Departamento de Comunicação Social e do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia (PPgEM), da UFRN. Pesquisador do Grupo de Pesquisa PRAGMA - Pragmática da Comunicação e da Mídia: teorias, linguagens, indústria cultural e cidadania. Integrante do Grupo de Estudos BOA-VENTURA - CCHLA/UFRN, em convênio com a Universidade de Coimbra-Portugal. Membro do Núcleo de Pesquisa: Fotografia, da INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Membro da REDE FOLKCOM – Rede de Estudos e Pesquisa em Folkcomunicação. E-mail: itanobre@gmail.com.

documentaristas, as influências nas tomadas de posição, as preferências pessoais e os usos da tecnologia no registro, e em possíveis edições de imagem.

Jorge Pedro Sousa defende que:

Os fotojornalistas usam métodos diferenciados de abordagem dos assuntos, possuem, amiúde, estilos próprios, às vezes assumidamente subjectivos(6), e dão à estampa as suas imagens em suportes de difusão que não se esgotam nas páginas dos jornais e revistas. A título exemplificativo, exposições, livros e sítios na Internet são recursos a que os foto-repórteres frequentemente deitam mão (SOUSA, 1998).

A escolha do impresso Tribuna do Norte foi norteada por alguns critérios, primeiro seria que o jornal conta com 61 anos de história, sendo um dos mais antigos do estado; o jornal é diário; a empresa sempre é uma das primeiras entidades a usufruir das inovações tecnológicas, ou seja, uma das que mais rapidamente acompanha os processos históricos, como acontece, presentemente, com a introdução das tecnologias de obtenção, geração e manipulação digitais de imagens; é o jornal com a maior tiragem no estado e sendo considerado como um dos mais influentes no cenário potiguar.

Em relação ao referencial teórico, contextualizamos a nossa visão da história do fotojornalismo em função de momentos determinantes para a evolução da atividade. Defendemos que o meio de comunicação ainda reflete um contexto de jornalismo dos séculos XIX e XX, no qual se observa uma divisão de atividades, portanto um maior número de pessoal contratado.

Aceitamos a idéia que estudar a evolução histórica do fotojornalismo seria uma opção complexa. Nascida num ambiente positivista, a fotografia já foi encarada quase unicamente como o registro visual da verdade, tendo nessa condição sido adotada pela imprensa. Com o passar do tempo, foram-se integrando determinadas práticas, tendo-se “rotinizado” e “convencionalizado” o ofício, um fenômeno agonizado pela irrupção do profissionalismo fotojornalístico (Jorge Pedro Sousa, 1998).

Já para Mauro Wolf (2003), as fotografias pertencem aos chamados “valores/notícia” que são componentes dos critérios de noticiabilidade. Portanto, dizem respeito a quão interessantes, significativos e relevantes são os acontecimentos para que sejam transformados em notícia.

É preciso advertir ainda que este relatório é de natureza essencialmente com vista a um detalhamento da profissão que tem por finalidade contextualizar ou fundamentar melhor as asserções que formulamos, intervir no campo do debate de idéias sobre as práticas do fotojornalismo potiguar nos meios de comunicação impresso.



ORDEM DE PESSOAL E ESTRUTURA

Os repórteres fotográficos contam com um espaço físico separado dos outros repórteres, com aproximadamente 20 metros quadrados, contendo três computadores “desktops” para armazenamento e edição das fotografias. Segundo Aldair, os fotógrafos utilizam os computadores dos repórteres de texto sempre que necessário para arquivá-las e editá-las. Processo que ocorre quase sempre ao final do dia ou entre cada matéria. Sobre o equipamento, cada funcionário tem em suas mãos uma câmera profissional modelo Nikon D-90. Com lente 18x105 milímetros e flash móvel Nikon Speedlight SB-900.

As contratações ocorrem geralmente por indicação de colegas e por análise de portfólio. A escala de trabalho é de cinco horas diárias, segunda a sexta, com plantões nos finais de semana e feriados com cinco horas cada. Em relação a quantidade de trabalho, ele afirma que os editores estabelecem número variado de pautas para cada repórter fotográfico. Em dias menos concorridos são disponibilizadas duas pautas e, em dias de maior procura esse número pode triplicar e atingir seis ou sete coberturas.

No dia 18 de maio de 2011 se observa que Aldair recebeu quatro pautas e que o repórter de fotografia terminou o expediente após o horário. Totalizando aproximadamente seis horas de trabalho direto. Ele chegou à redação aproximadamente às 18h15 e só foi sair às 19h, após o processo de arquivamento e legendação. Portanto, conclui-se que a quantidade de horas de trabalho é uma variante a medida que se observa uma relação com a capacidade de apuração das matérias do repórter fotográfico e de texto e a questões de ordem técnicas (como deslocamento/trânsito/disponibilidade de veículos).

A grande quantidade de repórteres fotográficos também favorece grandes coberturas, como é examinado no caso da primeira pauta do dia “visita da governadora ao TJ/RN”. Observou-se que o fotodocumentarista saiu às 14h, duas horas de antecedência, para o local a fim de permanecer em sistema de sítio, plantão. Nesse momento Aldair aproveita o tempo livre para fazer teste de fotometria e enquadramento.

SISTEMAS DE PAUTAS



O sistema de pautas é feito de forma oral ou escrita, variando de acordo com a situação/contexto do fato destacado (e do tempo disponível). Muitas vezes a pauta é repassada via telefone pela chefia de reportagem ou fotografia, como ocorrido no dia *18 de maio de 2011* no qual a segunda matéria “Greve dos policiais civis em frente ao TJ/RN”, a terceira “Greve dos professores estaduais em frente a Assembléia Estadual” e a quarta “Assembléia do Sindicato dos Rodoviários” foram repassadas pela editora de fotografia, Ana Silva por telefone.

Cleophas Oliveira defende que:

Trabalhando contra o fator tempo o jornalista não pode fazer a edição esperar. Há que lançá-la à rua, na iminência dos novos acontecimentos surgirem, pedindo novo clichê, outra edição
(OLIVEIRA,

ORIENTAÇÕES DO EDITOR DE FOTOGRAFIA

Sobre orientações de situações e não de ângulos/enquadramentos. Observa-se certo norteamento das fotografias pela editora de fotografia, Ana Silva. No dia *18 de maio de 2011*, Ana repassa o roteiro e rumos sobre as fotografias. Ela informa o que acontecerá no evento e o impacto que isso terá na vida das pessoas, portanto informa como o jornal deseja o registro. Nota-se que as orientações de fotografia, assim como as orientações de texto, são parte de uma comunicação vertical do jornal. Segundo Aldair, as orientações são apenas recomendações, uma vez que a situação é quem dita os enquadramentos e planos para a fotografia.

No caso da primeira matéria “Visita da Governadora ao TJ/RN”, Ana Silva informa momentos importantes a serem fotografados: a entrada da governadora ao local, e o apertar das mãos da governadora com a desembargadora presidente do TJ/RN. A editora ainda revela certas dificuldades ao documentarista. Diz que a matéria será difícil e que provavelmente a imprensa não terá acesso ao prédio durante a reunião, portanto é imprescindível o registro da chegada da governadora ao local. Ana ainda recomenda que a melhor foto, que será difícil, que são as duas apertando as mãos, caso o acordo seja selado, ou as duas em mesa de reunião, caso não.

Essa orientação é o que Jorge Pedro Sousa (1998) afirma:

Em manuais como o de Kerns (1980) ou os de Kobre (1980; 1991) aconselha-se também os fotojornalistas a antecipar o que



fotografar e quando fotografar. Esta pré-visualização (*pre-visualizing*), no entender de Barnhurst, ajuda a consolidar as rotinas fotojornalísticas”.

Em relação as orientações das outras matérias, verifica-se que Ana Silva informa a pauta sobre o que está acontecendo e mais uma vez não há orientações de planos e enquadramentos. A liberdade de enquadramento, composição, planos e outros detalhes técnicos ficam a critério do repórter fotográfico, visto que uma vez que esse compreende e aceita os recursos mais usados pela empresa.

SAÍDA E ACOMODAMENTO NO CARRO

No dia da pesquisa, verificou-se que para a primeira pauta “Visita da Governadora ao TJ/RN”, Aldair saiu sem o repórter escalado, no caso Ana Ruth Dantas. A última, que não estava no jornal, seguiu diretamente para o local. A prática de saída obedece a questões técnicas como disponibilidade de carros e pessoal. Nem sempre os repórteres de texto e de foto vão juntos ao local, como observado em visita in loco.

Sobre o quesito acomodamento dentro do carro, nota-se que o repórter fotográfico vai sentado no banco dianteiro direito, ao lado do motorista, durante o deslocamento para a primeira matéria. Contudo, verifica-se que esse fato não acontece em outras matérias, como na matéria quatro “Assembléia do Sindicato dos Rodoviários”, no qual o repórter, por necessidade visto que ele é chefe e auxiliar de redação, Julião vai à frente.

Examina-se que a preferência pelos bancos dianteiros se deu pelo respeito corporativo, ou seja, o respeito proporcionado pela hierarquia entre funções e tempo de serviço dentro da empresa Tribuna do Norte. Não houve preferência do repórter fotográfico pelo banco dianteiro. Na segunda e terceira matéria não houve deslocamento.

RELAÇÃO COM O REPÓRTER DE TEXTO

Na relação do fotografo e do repórter de texto, nota-se a imparidade nas situações. Na primeira matéria, observa-se uma boa relação entre os envolvidos. Ana Ruth Dantas, repórter mais experiente de política do jornal, demora para chegar e ao chegar passa algumas informações breves como: a hora de chegada da governadora,



causa do encontro, quem são os personagens principais e outras informações. Ao mesmo tempo a repórter informa que as fotos serão feitas de dentro da sala de espera e do interior do gabinete da desembargadora presidente.

“O governo está devendo sete milhões ao Tribunal de Justiça do estado. Essa visita dita de cortesia na verdade será para acertar e apaziguar essa tensão entre os poderes estaduais. Estamos aqui para descobrir como está a situação e noticiá-la. Todas as fotos devem seguir nesse intuito” explica Ana Ruth para A.D.

Nessa primeira matéria, o reconhecimento de Ana Ruth frente a sociedade potiguar permitiu que o repórter fotográfico entrasse dentro do Tribunal de Justiça e se encaminhasse até a sala de espera do gabinete da desembargadora presidente e posteriormente fotos exclusivas para o jornal. Orientação de Ana Ruth: “passar a segurança diretamente e continuar seguindo direto. Nunca olhar para eles. Seguir assim até a sala da presidente. Nariz empinado. Aqui funciona assim” revela Ana Ruth.

Após conversar com as assessoras de imprensa da presidente, a repórter de texto informa ao documentarista que a desembargadora pediu que as fotos fossem retiradas após o encontro. Portanto, haverá momentos específicos para o registro. Após uma hora de atraso, a governadora chega ao local para “a visita de cortesia”. Aldair opta por fotos de plano médio na chegada da gestora. Enquanto ao final do encontro opta por planos: detalhe, conjunto e médio fechado. No total foram tiradas aproximadamente 30 fotos do encontro. Todos os registros foram feitos em modo automático. O risco de perder as fotos o levou a essa decisão. A pressa seria mais uma vez um fator decisivo para as coberturas fotojornalísticas.

Essa boa relação não acontece com outras matérias do dia. Nas matérias subsequentes, a relação entre os repórteres de texto e de foto é questionada. Aldair e Julião mantêm independência de funções nas mesmas coberturas. Cada um realiza o seu papel de forma autônoma. Nessas matérias se observa que são matérias mais informativas, as entrevistas feitas por telefones e as fotos feitas são mais de planos de conjunto ou plano geral de pessoas. Não há direcionamento de fotos. As fotos não recebem destaque no jornal impresso.

POSTURA DO REPÓRTER FOTOGRÁFICO

Assim como na relação com repórter de texto, a postura e abordagem assumem conotações variadas, ímpares. Na primeira matéria, por se tratar de altos cargos do



judiciário e executivo, Dantas adota uma postura mais reservada, mais cautelosa. O tempo entre cada registro é visivelmente superior aos das outras matérias do dia. Nessa matéria não se observou o recurso de seqüência de fotos. O momento também propiciou registros com maior proximidade dos participantes (fotógrafo e objeto fotografado). Averigua-se também certa dependência com o repórter de texto, ele o questiona sobre os nomes dos personagens, o que também não acontece nas outras matérias. No plano fechado observa também que ele opta por recurso automático para o registro. Deseja não correr o risco de tirar mais fotos.

Já na matéria dos movimentos sociais, observamos certa leveza e liberdade do fotodocumentarista. Ele transita livremente e assume postura mais confiante. Ele busca, sozinho, os seus posicionamentos e personagens. Na matéria três “protesto dos professores estaduais” observa que Aldair tira fotos de lugares mais elevados e procura novas formas de enquadramento, como pode ser visto nos anexos 7,8 e 9. Ele se aproxima das pessoas e procura mais planos detalhes das pessoas. Nesse momento nota-se que ele cria uma maior aproximação com os fotografados, ele mesmo pergunta o nome deles e a idade a fim de colocar na matéria.

Schlesinger (1977) defende que:

Por definição, o imprevisto está ao virar da esquina. Os jornalistas estão por isso aptos a descreverem-se e ao seu trabalho de forma fatalista. Eles vêem-se como vítimas e o profissional competente é definido pela sua capacidade de mobilizar o vocabulário de precedentes em tempo útil (SCHLESINGER, 1977).

Segundo Nelson Traquina (2001):

Ser profissional é não ser vítima do tempo, mas conquistador do tempo; ser profissional é também uma questão de sentir certas coisas, de ‘por a velha adrenalina a correr (TRAQUINA, 2001).

PLANOS E ÂNGULOS

Em relação aos planos, observou que na primeira matéria das 40 fotos retiradas, 32 (80%) são em plano médio, sendo duas (5%) em plano close e as demais (15%) em plano conjunto. Sobre a angulação dos fotogramas, nota-se que 95% estão no nível médio, correspondendo a 38 registros, contra 5%, duas fotografias em ângulo de cima para baixo. O que segundo os autores enobrecer o objeto fotografado, no caso a



governadora. Destacamos que as fotos que engrandecem a gestora não foram publicadas na matéria, no entanto, foram para o arquivo do jornal.

TENTATIVAS DE ENQUADRAMENTO

Sobre o quesito enquadramento, examinam-se diferenças entre cada situação e cada intenção do autor. Na primeira matéria observa que ele opta por enquadramentos menores, mais fechados, de maior detalhe, como o apertar das mãos significando “acordo selado”; enquadramentos de duas ou três pessoas de grande importância; e fechamentos em expressões faciais. Vale destacar também que a limitação física do ambiente é de grande importância, uma vez que interfere na luz, na profundidade da fotografia e no efeito esperado.

As outras três matérias seguem um mesmo estilo de enquadramento semelhante, uma vez que todas as três acontecem em um ambiente externo, luz natural; com grande volume de pessoas, importante critério de noticiabilidade; com grande profundidade da cena; e com o mesmo efeito esperado. Destacamos que as formas de enquadramento seguem fielmente as idéias e orientações da matéria, visto que são elementos primordiais para a manutenção da ideologia (na forma de linha editorial) do jornal.

Jorge Pedro Sousa (1998) defende:

Pelos finais dos anos trinta, a proliferação de fotos, maiores e mostrando mais acção, emoção e detalhe (que substituem as sequências de imagens), não evitou, contudo, que, já na altura, e mais ainda com o tempo, parte dessas imagens fossem o que designamos por *pseudo-fotografias jornalísticas*, isto é, fotografias encenadas, fabricadas especificamente para serem objecto de discurso fotojornalístico, especialmente por políticos e seus *promotores de notícias (news promoters)*, ou *fotografias-mediáticas*, fotos do mesmo tipo das anteriores mas que retratam situações que ocorreriam mesmo sem a presença de (foto)jornalistas (SOUSA, 1998).

LUZ, SOMBRA E EFEITOS ESPERADOS

Na primeira matéria “visita de cortesia da governadora ao TJ/RN”, observa-se que o local para as fotografias se trata de um ambiente fechado, ou seja, com pouca incidência de luz natural (forte) e com grande incidência de luz artificial (fraca). Essa ausência criou cenários de penumbras (escuro), somente observados em câmara, na



fotografia. Para resolver essa questão, o fotodocumentarista Aldair Dantas teria que aumentar a abertura do diafragma e o tempo de exposição, no entanto, ao diminuir o tempo de exposição as fotos poderiam sair “tremidas” e para o jornal são consideradas fotos pouco atrativas, portanto perdidas. Para resolver essa questão esse aciona o recurso do flash.

Observa-se também nessa matéria o profissional se aproxima dos objetos fotografados, uma vez que consideramos o fato físico da distribuição da luz, podemos acrescentar que a intensidade da luz aumenta ou diminui em relação inversa ao quadrado da distância. Essa teoria de lei é da mais alta importância, pois, será aplicada em todas as circunstâncias fotográficas onde a luz deva ser corretamente controlada e distribuída e os efeitos esperados alcançados.

FINALIZAÇÃO

Verifica-se que os fotodocumentaristas do jornal impresso Tribuna do Norte utilizam o IrfanView que é um programa de visualização e de cadastramento eletrônico de imagens para Microsoft Windows com recursos de edição básica e conversão entre dezenas de formatos de imagens, além de compatibilidade com formatos de áudio e vídeo. Diferente de programas como o Photoshop, o IrfanView não tem recursos de criação e desenho avançados, sendo desenvolvido principalmente como um visualizador/editor básico.

No momento da finalização, os repórteres fotográficos não utilizam efeitos especiais ou montagens. O que se observa são pequenos ajustes na imagem ou formato destas. Aldair revela que são pequenos ajustes sem perder a qualidade. Ajustes ITC.

Após os ajustes, os funcionários partem para o cadastramento das imagens. Nesse momento, eles aproveitam para datar, legendar e dispor nas respectivas pastas. As legendas são feitas inicialmente pelo nome da matéria, seguida pelo crédito do fotógrafo, e no último caso o nome dos personagens que aparecem em cena.

Em relação ao número de fotos, nota-se na primeira matéria o fotógrafo tirou 40 fotogramas, na segunda 35, na terceira 37 e na última 27. No entanto, no momento da finalização ele deixa apenas 10 para todas as matérias. É o número médio requerido pela editora de fotografia. E cada imagem deve apresentar um diferente plano, proposta de registro. Fotos repetidas não são permitidas. E dessa forma Aldair faz suas escolhas.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que a profissão de repórter fotográfico no estado do Rio Grande do Norte está nas mãos de pessoas com conhecimento prático, de rotina. Nota-se ainda que a profissão ainda recebe pouco valor agregado mediante análise da disposição de espaço, material, recursos, contratações e contatos com os profissionais.

E observa-se que os mesmos, mesmo sem curso superior, fazem uso de técnicas, linguagem jornalística. Eles não utilizam de mecanismos de edição ou alteração de composições.

REFERÊNCIAS

FOTOJORNALISMO SOCIAL. IPhoto Editora, Abril, 2010. Disponível em <<http://iphotoeditora.com.br/blogdaiphoto/?p=2328>> Acesso em 20 de maio de 2011 às 15h30.

PARREIRA, Daniel Schneider A. **JORNALISMO CIENTÍFICO ON-LINE: Uma comparação entre sites do Brasil, Estados Unidos e França.** Belo Horizonte, 2005

SCHLESINGER, P. **Putting “reality” together. BBC news.** London: Constable, 1978. In WOLF, Mauro. Teorias das comunicações de massa. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 222.

SOUSA, Jorge Pedro. **Uma história crítica do fotojornalismo ocidental.** Porto, 1998.

TRABALHO INDEPENDENTE EM PORTUGAL – EMPREENDIMENTO OU RISCO? DINÂMIA – Centro de Estudos sobre a Mudança Socioeconómica, Junho, 2003. Disponível em <<https://repositorio-iul.iscte.pt/bitstream/10071/493/1/wp32-2003.pdf>> Acesso em 20 de maio de 2011.

TRAQUINA, Nelson. **O estudo do jornalismo no século XX.** Porto Alegre: Unisinos, 2001.